



MIDAS

Museus e estudos interdisciplinares

10 | 2019

Varia

A (in)visibilidade de um objeto romano do Museu Nacional de Arqueologia. Leituras de história da ciência

The (lack of) visibility of a Roman object at the Portuguese National Museum of Archaeology. History of science readings

Elisabete J. Santos Pereira e Maria de Fátima Nunes



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/midas/1685>

DOI: 10.4000/midas.1685

ISSN: 2182-9543

Editora:

Alice Semedo, Paulo Simões Rodrigues, Pedro Casaleiro, Raquel Henriques da Silva, Ana Carvalho

Referência eletrónica

Elisabete J. Santos Pereira e Maria de Fátima Nunes, « A (in)visibilidade de um objeto romano do Museu Nacional de Arqueologia. Leituras de história da ciência », *MIDAS* [Online], 10 | 2019, posto online no dia 31 maio 2019, consultado no dia 16 junho 2019. URL : <http://journals.openedition.org/midas/1685> ; DOI : 10.4000/midas.1685

Este documento foi criado de forma automática no dia 16 Junho 2019.



Midas is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 International License

A (in)visibilidade de um objeto romano do Museu Nacional de Arqueologia. Leituras de história da ciência

The (lack of) visibility of a Roman object at the Portuguese National Museum of Archaeology. History of science readings

Elisabete J. Santos Pereira e Maria de Fátima Nunes

NOTA DO EDITOR

Artigo recebido a 27.07.2018

Aprovado para publicação a 21.12.2018

Introdução

- 1 Na celebração dos 125 anos do Museu Nacional de Arqueologia (MNA) e sob o prisma metodológico da história da ciência e do colecionismo científico, propõe-se este artigo analisar a trajetória biográfica de um objeto das suas coleções: uma pátera de época romana (cota Au 112) descoberta na Quinta do Paiço (norte de Portugal) no início da década de 1860.¹ A partir deste marco temporal o objeto (fig. 1, 2 e 3) criou um fio cronológico substantivado de informação sobre a sua descoberta e a sua trajetória existencial que circulou nacional e internacionalmente. Entre a época em que foi descoberto e o ano de 1905, ano de incorporação no Museu Etnológico Português (designação do MNA entre 1897 e 1929), este artefacto foi divulgado e comercializado em várias geografias, integrando diversas coleções particulares antes de chegar ao mencionado museu de Lisboa.

- 2 A biografia deste objeto da coleção do MNA constitui um estudo de caso paradigmático para destacar os complexos itinerários vividos pelos objetos desde o momento da sua descoberta até integrarem as coleções dos museus, onde são depois preservados e estudados. E por detrás destas vidas materiais encontra-se um universo científico de atores, tradicionalmente invisíveis, mas que desempenharam um papel primordial na construção do conhecimento e do saber de ciência (Pereira 2018).
- 3 Durante o seu percurso de vida, estes objetos adquirem diferentes significados, experimentam diversas mudanças de contexto (Alberti 2005, 562) e assumem diversificados mecanismos de influência/ação (*agency*) (Byrne et al. 2012, 7). A mencionada *agency* é exercida pelos atores que se cruzam, neste caso, com o percurso dos objetos arqueológicos: coletores, colecionadores, intermediários, comerciantes, leiloeiros, instituições museológicas, os seus conservadores e também pelo público que posteriormente observa, difunde as imagens do objeto, comunica ou contesta o conhecimento transmitido (Pereira 2018).
- 4 Estas peças de coleção, que serão de timbre oficial e institucional, são, efetivamente, guardiães de conhecimento e de memórias culturais, científicas e sociais diversificadas que se cruzam e mesclam no território da arqueologia. Um território que se assume, pois, como um laboratório de grande potencial informativo para a agenda da história da ciência e da museologia, enquanto espaço de materialidade e de produção de conhecimento científico. Nos museus, nas coleções institucionalizadas, os diferentes elementos da sua configuração material ilustram processos de fabricação, refletem tecnologias e contextos, espelham diferentes aspetos económicos, culturais, sociais e intelectuais das sociedades com lastro de memória histórica. Com as suas próprias tradições de examinar as histórias de vida dos objetos, os arqueólogos estão habituados, como refere Anthony Harding (Harding 2016), a considerar quando e onde foram feitos os objetos, por quem, com que objetivo, e o que aconteceu quando deixaram de ser necessários ou de ter utilidade.
- 5 Aqui importa ressaltar que os objetos podem também constituir o ponto de partida para conhecer a dinâmica de práticas científicas das personalidades que criaram coleções de objetos, que fundaram e desenvolveram museus, que produziram conhecimentos sobre o passado e estabeleceram redes comunicação, de trocas e de difusão pelo mundo ocidental. Assumindo as coleções museológicas como fontes primárias, tal como as publicações e os documentos de arquivo, podemos desconstruir a visão tradicional da história dos museus, científicos e de outros, dos seus tradicionais e emblemáticos protagonistas, propondo-se, em alternativa, uma narrativa substanciada pelo suporte de história da ciência, com uma maior complexidade e textura de um tempo historicamente contextualizado.
- 6 O interesse dos historiadores de ciência pelos museus desenvolveu-se, fundamentalmente a partir de 1983 (Bennet 2005), ano de celebração do tricentenário do Ashmolean Museum, em Inglaterra, e da criação do *Journal of the History of Collections*, em 1985. A história da ciência tem a partir deste marco historiográfico salientado a importância de conhecer os conteúdos programáticos dos museus, os projetos intelectuais e sociais dos seus fundadores ou dirigentes, e as potencialidades de uma nova investigação da cultura material, aplicando essa metodologia à história das suas coleções, dos seus instrumentos e respetivos processos de experimentação científica, aos atores invisíveis sempre omnipresentes, ou às diferentes trajetórias de objetos museológicos (Shapin e Thackray 1974; Shapin 1989; Voskuhl 1997; Taub 1998; Daston 2000; 2008; Alberti 2005; Granato e Lourenço, 2014; Lourenço e Gessner 2014; Costa 2018).

- 7 Neste artigo seguimos a metodologia proposta por Samuel Alberti (2005) para reconstituir o percurso de um objeto arqueológico, uma pátera romana do MNA. Como o autor fez estrategicamente ressaltar, a incorporação de objetos nos acervos museológicos nem sempre é direta. Podemos supor que no momento da “descoberta” o coletor confere ao objeto um significado estável, que persistirá no seu percurso no museu. Mas, para muitos, este foi apenas o primeiro de uma série complexa de significados e de mudanças de contexto.
- 8 Assumindo os objetos como fontes históricas e colocando as questões pertinentes, tal como fazemos relativamente aos documentos e às publicações, evidenciam-se novas perspectivas históricas sobre a teia de pessoas por detrás das histórias das instituições (Bennet 2005). Se as pessoas nos conduzem a objetos (Semedo, Fontal e Ibanez 2017), os objetos também nos conduzem a pessoas. Para tal é necessário cruzar e explorar fontes históricas de natureza diversa, incluindo os inventários dos museus onde se encontram pistas sobre a cooperação de diversos atores.
- 9 Deste modo, a história da ciência abre novas rotas metodológicas para desconstruir o sentido interpretativo de museus e das suas coleções, das exposições, assim como das coleções em reserva. A partir de modos de olhar a difusão/circulação/trocas de cultura material, no espaço e no tempo, são inúmeras as conexões que é possível estabelecer entre pessoas e objetos museológicos. Além dos fundadores e diretores, para lá da monumentalidade dos edifícios que os albergam, por detrás das diferentes áreas temáticas de exposições permanentes, dos cuidados conferidos à conservação dos objetos em depósitos, ou em contextos expositivos temporários, existe um corpo de funcionários que assegura o seu funcionamento e um conjunto de colaboradores/colecionadores, faces pouco visíveis de um coletivo que, ao longo do tempo de constituir coleções, estabeleceu a ligação de nexos interpretativo entre os elementos internos e externos da realidade museológica.
- 10 Na senda de tempos de coleções, é relevante lembrar Samuel Alberti, que considera a existência de três fases no percurso dos objetos museológicos. A primeira decorre desde que o objeto é recolhido até à sua entrada no museu. A segunda fase considera o período em que o objeto se encontra inserido numa coleção e a terceira constitui-se na sua relação com os públicos, quando inserido numa exposição. Este artigo centra-se na primeira destas etapas. Procurámos identificar as trocas e os diferentes possuidores, as negociações, as concessões e a rede de indivíduos que intercedeu no percurso da pátera romana encontrada no norte de Portugal em meados do século XIX (Alberti 2005).
- 11 As diferentes realidades sociais de fim de oitocentos que concorreram para a formação dos museus arqueológicos europeus, albergando as suas coleções, constituídas num tempo fundacional de Estado-nação (Kohl 1998; Kohl e Fawcett 1998; Díaz-Andreu 2006), assumem uma jurisdição parcial sobre os recursos que esses objetos representam (Star e Griesemer 1989) – seja o investigador ou conservador responsável pela formação da coleção, a instituição que financia a sua formação ou mesmo o colaborador que coopera com o conservador na descoberta e identificação de objetos. Neste plano jurisdicional temos ainda que considerar a existência do proprietário que autoriza a recolha e/ou análise de artefactos considerados como arqueológicos que foram descobertos na sua propriedade, assim como os colecionadores que emotivamente doam as suas coleções aos museus. Todavia, no contexto de circulação de objetos para museus, temos também que lembrar o papel dos comerciantes que se consciencializam dos proveitos económicos de determinados “achados” e que são determinantes para outras construções de biografias

de coleções, algumas com recortes internacionais e de suspense, até ao momento em que o visitante pode usufruir da construção de imaginários de identidade, ao olhar a sua incorporação final na exposição do museu.

- 12 Nas múltiplas hipóteses de percursos, os objetos assumem o papel de *objetos fronteira*, um conceito introduzido por Susana Star e James Griesemer (1989) para caracterizar a cooperação necessária entre os diferentes atores envolvidos no trabalho científico e os diferentes sentidos que um mesmo objeto pode assumir.
- 13 Procurar as marcas identitárias de um museu como o MNA implica um trabalho de análise que o associe a uma multiplicidade de atores que estiveram envolvidos na formação e no desenvolvimento de coleções arqueológicas e do seu papel para o conhecimento do passado (Pereira 2017; 2018).

O percurso de uma pátera romana do MNA



Fig. 1 – Fundo de pátera com representação de Marte, da época romana (séc. I d.C. – II d.C.), em prata e ouro; n.º de inventário: Au 112; dimensões: 8 cm de diâmetro

© MNA

- 14 Nas coleções do MNA encontra-se, desde 1905, uma pátera romana (séc. I d.C. – II d.C.) com uma representação de Marte (fig. 1). Do objeto com cerca de dois mil anos, utilizado em cerimónias e ritos religiosos, preservou-se apenas o seu fundo. Apresenta 8 cm de diâmetro e uma representação figurativa central (MARS) (Ribeiro 2002).² No momento de escrita deste artigo, a pátera fazia parte da exposição de longa duração *Religiões da Lusitânia - Loqquntur saxa*, do MNA (fig. 2).³



Fig. 2 – Fundo de pátera com representação de Marte na exposição *Religiões da Lusitânia – Loqquntur saxa*, no MNA), 2017

© MNA

- 15 A pátera surgiu na Quinta do Paiço, Carriça, entre a cidade do Porto e a cidade de Braga em data desconhecida, muito provavelmente em 1860 ou 1861. No mesmo local, durante o século XIX, surgiram outros objetos arqueológicos, como um marco miliário, uma ânfora e algumas moedas (Sarmento 1970, 53).
- 16 Depois do aparecimento desta pátera, na mencionada quinta, a informação sobre a sua existência circulou e chegou ao conhecimento de Augusto Pereira Soromenho (1834-1878). Interessado em história e arqueologia, Augusto Soromenho nasceu em Aveiro, foi funcionário da Biblioteca Pública do Porto e depois funcionário da Biblioteca da Academia Real das Ciências de Lisboa. Foi professor de Árabe no Liceu Nacional, professor de Literatura Moderna e de História Universal no Curso Superior de Letras e sócio efetivo da Academia Real das Ciências de Lisboa (Tavares 2009, 75; Marques 2016, 389). Devido ao seu interesse pela arqueologia integrou um grupo de intelectuais com quem planeou em 1868 a criação do Real Instituto Archeologico de Portugal e foi convocado para a primeira conferência sobre arqueologia que aconteceu no ano de 1877, a designada *Conferência da Citânia* (Lemos 1995).
- 17 Augusto Soromenho alimentava uma rede de contactos com colecionadores e outras personalidades que se interessavam por história e antiguidades. Dirigiu inclusivamente um jornal que poderia potenciar essa rede – *O Investigador, correspondência entre antiquários, eruditos, literatos e curiosos*. Tratava-se de uma publicação quinzenal com o objetivo de:
- [...] promover e facilitar o estudo e averiguação das nossas antiguidades, da nossa história, das instituições, leis, uzos e costumes; dos monumentos, das tradições locais, finalmente de tudo quanto póde interessar os antiquarios, os eruditos, os litteratos e os curiosos [...].

- 18 Esta publicação possuía secções de “Perguntas” e “Respostas” e uma outra com a designação de “Variedades” para divulgar artigos sobre:
- [...] antiguidades pré-históricas, epigraphia romana e da idade media, sobre numismática romana e portuguesa, archeologia monumental, iconographia, paleographia; ou documentos historicos e litterarios ineditos, noticias historicas, bibliográphicas, biográphicas, etc [...]. (Brito e Neves 1923, 484)
- 19 Ao mesmo tempo que estabeleceu uma rede de promoção do conhecimento nas várias regiões portuguesas, integrou ele próprio uma rede de difusão de conhecimentos europeia onde iria divulgar o objeto arqueológico descoberto no norte de Portugal. Augusto Soromenho enviou para Berlim informações sobre a pátera de prata com letras incrustadas a ouro. Essas informações tinham como destinatário Ernest Willibald Emil Hübner (1834-1891), epigrafista alemão que se encontrava ao serviço da Real Academia das Ciências da Prússia e das suas estratégias e protocolos para organizar o conhecimento sobre inscrições epigráficas (Orrells 2014, 329). A Academia de Ciências prussiana desenvolvia nessa época o projeto *Corpus Inscriptionum Latinarum*, com o objetivo de publicar as inscrições clássicas, gregas e latinas numa coleção abrangente.⁴ Sob a direção de Theodor Mommsen, o *Corpus Inscriptionum Latinarum* foi criado em 1853 e o primeiro volume foi publicado dez anos depois. Emil Hübner foi um dos epigrafistas do projeto, tendo sido responsável pelo volume referente a Portugal e Espanha (Schmidt 2007).
- 20 Para recolher informação sobre todas as inscrições latinas – como a inscrita na pátera romana – os epigrafistas ao serviço do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, em Portugal como noutras regiões, consultavam e analisavam criticamente os manuscritos e as publicações disponíveis em bibliotecas e fundos locais, e realizavam também viagens para examinar presencialmente as inscrições, corrigir ou validar os registos anteriores. Este trabalho era também sustentado por atores locais interessados em antiguidades. Essas redes de comunicação internacionais garantiam o acesso às novas inscrições que surgiam e também a toda a bibliografia produzida localmente. Quando os epigrafistas da Real Academia das Ciências da Prússia não conseguiam realizar as análises presenciais das inscrições solicitavam aos investigadores locais a análise dos monumentos, a confirmação de leituras e a realização de decalques das epígrafes.
- 21 Em Portugal, Augusto Soromenho foi um dos mais importantes colaboradores de Emil Hübner, um facto que pode ser comprovado pelas numerosas citações da sua colaboração no *Corpus Inscriptionum Latinarum* (Marques 2016, 389-390). Encontrando-se no norte de Portugal desde 1858, enquanto bibliotecário ao serviço da Academia das Ciências de Lisboa, Soromenho remeteu para Berlim textos epigráficos latinos de procedência diversa, do norte, mas também do centro e sul do país, e a bibliografia produzida em Portugal entre 1861 e 1877, período em que manteve correspondência com o investigador alemão (Marques 2016). Foi devido ao conhecimento local deste erudito que a pátera romana encontrada em Portugal foi divulgada internacionalmente. Augusto Soromenho ter-se-á deslocado à Quinta do Paço, onde registou as características da pátera e de outros objetos também descobertos no local, enviando essa informação para Berlim (Hübner 1871, 69), através de correspondência.
- 22 Pouco tempo depois de receber informação sobre a existência da pátera, Emil Hübner deslocou-se pela primeira vez a Portugal (Marques 2016, 25) e procurou confirmar a inscrição enviada por Augusto Soromenho. A pátera romana tinha então sido transportada para o Porto onde estava na posse de Domingos de Oliveira Maia. Este

indivíduo, possivelmente um colecionador particular, permitiu a análise do objeto e a confirmação da inscrição (Hübner 1871, 69).

- 23 Com base na sua leitura presencial, Hübner divulgou-o no ano seguinte numa revista italiana – o *Bullettino dell' Instituto di Corrispondenza Archeologica per l'Anno 1862* (Roma, Tipografia Tiberina), através do artigo *Antichità del Portogallo* (Hübner 1862, 205), e em 1869 no segundo volume do *Corpus Inscriptionum Latinarum*. Depois de ser divulgada internacionalmente, a existência deste objeto romano é também difundida numa publicação portuguesa prefaciada por Augusto Soromenho: *Noticias Archeologicas de Portugal* (Hübner 1871).



Fig. 3 – Desenho da pátera romana descoberta na Quinta do Paiço em meados do século XIX. Esta imagem foi divulgada por Emil Hübner em *Noticias Archeologicas de Portugal* (1871) e reproduzida, em 1905, na obra *Religiões da Lusitânia* (Vasconcelos 1905a, 310).

- 24 Do percurso desta pátera romana desconhece-se o seu paradeiro entre 1861 e 1901. Sabemos apenas que durante este período o objeto foi transportado para Lisboa e depois para Paris. Em Portugal pertenceu à coleção particular de Augusto Carlos Teixeira de Aragão (1823-1903) e em Paris integrou as coleções do comerciante *Baron*, que posteriormente a comercializou (Pereira 2018).
- 25 Augusto Carlos Teixeira de Aragão (1823-1903) foi um dos principais colecionadores da segunda metade do século XIX em Portugal. Possuía coleções de arte, mobiliário antigo, armas, livros, moedas e medalhas e colecionava também antiguidades. Tornou-se conhecido sobretudo pela sua importante coleção numismática e pelas suas publicações nesta área de estudos. Mas, como referem algumas fontes, Teixeira de Aragão possuía «um interessante museu, onde estavam representadas as épocas da nossa história e diferentes espécimes das nossas artes e industrias» (Vasconcelos 1904, 135). A pátera romana foi um dos objetos que integrou as vastas coleções deste cirurgião militar que abria as portas do seu museu particular, neste caso a sua residência de Lisboa, a todos os

interessados, nomeadamente a José Leite de Vasconcelos (1858-1941), diretor do Museu Etnológico Português. Contudo, as coleções de Teixeira de Aragão, por vontade do próprio, dispersar-se-iam em finais do século XIX. No caso da coleção arqueológica, uma parte foi doada ao Museu Etnológico Português e outra parte vendida a um leiloeiro da cidade de Paris (Pereira 2018). Juntamente com outros objetos arqueológicos, Teixeira de Aragão vendeu ao leiloeiro *Baron* a pátera romana, vários anéis de ouro e recipientes cerâmicos também romanos (Vasconcelos 1904, 136). Uma ação entendida pelo diretor do Museu Etnológico como um “desfalque” à arqueologia portuguesa, sobretudo porque a pátera deveria ser o único objeto desta tipologia conhecida até então em território nacional. No segundo volume da obra *Religiões da Lusitânia*, onde é descrita, apenas é comparada com «outros monumentos análogos» existentes na coleção do “Gabinete Numismático da Biblioteca Nacional de Paris” (Vasconcelos 1905a, 311).

- 26 Favorecido por uma «conjuntura de defesa dos valores pátrios» (Encarnação 1994, 35), Leite de Vasconcelos possuía orçamento para comprar coleções e objetos, mesmo objetos muito mais valiosos do que a pátera descoberta na Quinta do Paiço, e nestas condições procurava conhecer e quando possível incorporar todas as coleções de antiguidades espalhadas pelo país. Frequentemente, depois do falecimento de colecionadores contactava as famílias e tentava a oferta das coleções ou a sua aquisição. No caso da coleção que pertenceu a Teixeira de Aragão, apenas em 1901 soube da venda da pátera romana que tanto ambicionava incorporar no museu que dirigia. Ao saber desta venda em Paris, José Leite de Vasconcelos procurou o leiloeiro *Baron*. Sabemos que procurou o objeto em Paris, através de uma notícia que o próprio Leite de Vasconcelos publicou depois do falecimento de Teixeira de Aragão, em 1904, na revista periódica do museu, *O Archeologo Português*. José Leite de Vasconcelos refere que na sua última estada em Paris, em 1901, procurou o antiquário e esta peça específica, embora sem sucesso. Não obteve a pátera, que segundo o próprio leiloeiro talvez tivesse sido oferecida então a uma “senhora americana”, nem os anéis da coleção de Aragão, mas adquiriu para o museu “alguns dos vasos” que lhe pertenceram: uma taça de terra *sigillata* sudgálica de época romana (MNA 15587), um pote de terra *sigillata* hispânica (MNA 15586) e uma taça de paredes finas da mesma época (MNA 15578) (Vasconcelos 1904, 136).
- 27 No que se refere à pátera, desconhece-se efetivamente se esteve em posse da mencionada “senhora americana”, uma vez que José Leite de Vasconcelos viria a encontrá-la, inesperadamente, alguns anos depois, em março de 1905, em casa de um arqueólogo de Madrid quando procurava conhecer as suas últimas aquisições arqueológicas. Conseguiu comprar o objeto para o Museu e noticiou depois a sua compra pelo mesmo preço com que tinha sido adquirida pelo arqueólogo madrileno, na revista do Museu, como pode ler-se: «De modo que Portugal foi, por assim dizer, reembolsado de um notável documento da sua história antiga (documento que andava extraviado), e o Museu Ethnologico ficou possuindo mais uma joia archeologica» (Vasconcelos 1905b, 400).

Conclusão

- 28 Ao celebrarmos em 2018 o Ano Europeu do Património Cultural, evidenciamos neste artigo a importância de recuperar informação sobre os percursos dos objetos museológicos e sobre os processos de constituição e desenvolvimento de coleções. Atendendo às tradicionais fontes históricas (manuscritos e publicações) e recorrendo à reconstituição da biografia dos objetos podemos documentar a diversidade de atores

envolvidos nos processos de criação, movimentação, dispersão, comercialização ou desaparecimento de coleções. Esta metodologia aplicada às coleções arqueológicas concede uma nova visibilidade à cultura e ao património, evidenciando e potencializando o seu carácter transversal na sociedade. Se, por um lado, evidencia a diversidade de atores e de mundos sociais que concorrem para a construção do conhecimento e identificação e preservação do nosso património cultural, por outro lado, pode enriquecer os discursos museográficos e os programas educativos.

- 29 Ao documentarmos o percurso dos objetos museológicos abrimos, como referem Marta Lourenço e Samuel Gessner (2014), janelas de conhecimento locais e globais. Uma pátera de época romana foi objeto de interesse de vários atores em diversos pontos geográficos e sob diversas perspetivas. A sua existência difundiu-se por todo o mundo ocidental: a informação circulou através de correspondência e posteriormente através de publicações científicas. O objeto suscitou a circulação de atores e os interesses cruzados de diversos indivíduos provocaram igualmente a circulação do objeto que vivenciou diversos contextos e significados desde a década de 1860 até 1905 quando chegou ao Museu Etnológico Português.
- 30 Devemos muitos dos objetos arqueológicos, atualmente preservados nos museus portugueses, às ações e aos conhecimentos de protagonistas maioritariamente invisíveis na historiografia contemporânea sobre os museus, a sua história e as suas coleções. Eles desempenharam, contudo, um papel crucial na identificação e na obtenção de objetos que hoje integram as coleções dos museus de arqueologia. Estes protagonistas locais detinham, em alguns casos, aliado a um considerável capital cultural, um profundo conhecimento do território. A sua posição socioeconómica e cultural implicava a consideração e a confiança de trabalhadores rurais e proprietários que, perante um conjunto de questões e informações, conseguiam localizar nos campos os objetos e as construções antigas que importavam a colecionadores e aos atores interessados em antiguidades.
- 31 Ao considerarmos as práticas arqueológicas destes atores locais e analisarmos o percurso dos objetos que colecionaram confirmamos que as coleções não são entidades estáticas. As suas trajetórias não são lineares e o processo de integração nas instituições museológicas é complexo. Esta complexidade traduz os interesses estratégicos – políticos, sociais, culturais ou económicos – dos vários atores que se cruzam com o seu percurso e que estabelecem diferentes tipos de relações entre si e com os próprios objetos.
- 32 Os objetos museológicos são parte do nosso património cultural. As suas biografias expõem invisibilidades que enriquecem as narrativas históricas e museográficas e evidenciam a transversalidade desse mesmo património no passado, no presente e para o futuro.

BIBLIOGRAFIA

Alberti, Samuel J. M. M. 2005. "Objects and the Museum." *ISIS* 96 (4): 559-571.

- Bennett, Jim. 2005. "Museums and the History of Science. Practitioner's Postscript." *ISIS* 96 (4): 602-608.
- Brito, Gomes de, Alvaro Neves. 1923. *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional. Tomo 22.^o.
- Byrne, Sarah, Anne Clarke, Rodney Harrison, e Robin Torrence, eds. 2012. *Unpacking the Collection: Networks of Material and Social Agency in the Museum*. One World Archaeology. New York: Springer.
- Costa, Rita Daniela Cordeiro Paiva. 2018. "Luís de Carvalho e as Coleções de Zoologia Legadas à Universidade de Coimbra em Finais do Séc. XIX." Dissertação de mestrado em Património Cultural e Museologia, Universidade de Coimbra.
- Daston, Lorraine. 2000. *Biographies of Scientific Objects*. Chicago: University of Chicago Press.
- Daston, Lorraine. 2008. *Things that Talk: Object Lessons from Art and Science*. New York: Zone Books.
- Díaz-Andreu, Margarita. 2006. "Nacionalismo e Arqueologia: O Contexto Político da Nossa Disciplina." *Revista Aulas (Dossiê Identidades Nacionais)* 2 (2): 79-113. http://www.unicamp.br/~aulas/revista_aulas/identidadenacional/identidadenacional.pdf
- Encarnação, José d'. 1994. "No Centenário da Publicação das Religiões da Lusitânia: Nacionalismo em Leite de Vasconcelos." *O Arqueólogo Português, Série IV*, 11-12 (1993-1994): 35-42.
- Granato, Marcus, e Marta C. Lourenço, eds. 2014. *Scientific Instruments in the History of Science: Studies in Transfer, Use and Preservation*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins.
- Harding, Anthony. 2016. "Introduction: Biographies of Things." *Distant Worlds Journal* 1: 5-10.
- Hübner, Emil. 1862. "Antichità del Portogallo." *Bullettino dell'Istituto di Corrispondenza Archeologica* 10-11: 193-207.
- Hübner, Emil. 1871. *Notícias Archeológicas de Portugal*. Lisboa: Typ. da Acad. Real das Sciencias de Lisboa.
- Kohl, Philip L. 1998. "Nationalism and Archaeology: On the Constructions of Nations and the Reconstructions of the Remote Past." *Annual Review of Anthropology* 27: 223-246.
- Kohl, Philip, Claire Fawcett, eds. 1998. *Nationalism and Archaeology in Europe*. London: UCL Press.
- Lemos, Francisco Sande. 1995. "Martins Sarmiento e a Arqueologia Portuguesa dos anos Setenta e Oitenta do século XIX." *Revista de Guimarães* 105: 117-126.
- Lourenço, Marta C., e Samuel Gessner. 2014. "Documenting Collections: Cornerstones for More History of Science in Museums." *Science & Education* 23 (4): 727-745.
- Marques, Pedro Miguel Correia. 2016. "A Epigrafia da Hispania na Correspondência Epistolar entre Emílio Hübner e José Leite de Vasconcelos." Tese de doutoramento em História na especialidade de Arqueologia, Universidade de Lisboa.
- Orrells, Daniel. 2014. "Introduction: Inventive Inscriptions – The Organization of Epigraphic Knowledge in the Nineteenth Century." *Journal of the History of Collections* 26 (3): 329-336.
- Pereira, Elisabete J. Santos. 2017. "Atores, Coleções e Objetos: Coleccionismo Arqueológico e Redes de Circulação do Conhecimento – Portugal, 1850-1930." Tese de doutoramento em História e Filosofia da Ciência, Universidade de Évora.
- Pereira, Elisabete J. Santos. 2018. *Coleccionismo Arqueológico e Redes de Conhecimento. Atores, Coleções, Objetos (1850-1930)*. Coleção Estudos de Museus. Casal de Cambra: Caleidoscópico e Direção-Geral do Património Cultural.

Ribeiro, José Cardim, coord. 2002. *As Religiões da Lusitânia. Loquuntur saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

Sarmento, Francisco Martins. 1970. "Antiqua 1878." [Manuscritos inéditos anotados por Mário Cardozo]. *Revista de Guimarães* 80: 11-72.

Schmidt, Manfred G. 2007. *Corpus Inscriptionum Latinarum*. Berlim: Brandenburgische Akademie der Wissenschaften.

Semedo, Alice, Olaia Fontal, e Alex Ibanez, coord. 2017. "Objetos e Museus: Biografias, Narrativas e Vínculos Identitários". *MIDAS - Museus e Estudos Interdisciplinares* 8. <https://journals.openedition.org/midas/1149>

Shapin, Steven, e Arnold Thackray. 1974. "Prosopography as a Research Tool in History of Science: The British Scientific Community, 1700-1900." *History of Science* 12: 1-28.

Shapin, Steven. 1989. "The Invisible Technician." *American Scientist* 77 (6): 554-563.

Star, Susan Leigh, e James R. Griesemer. 1989. "Institutional Ecology, 'Translations' and Boundary Objects: Amateurs and Professionals in Berkeley's Museum of Vertebrate Zoology, 1907-39." *Social Studies of Science* 19 (3): 387-420.

Taub, Liba. 1998. "On the Role of Museums in History of Science, Technology and Medicine." *Endeavour* 22 (2): 41-43.

Tavares, Lúcia Fernanda Rodrigues. 2009. "Curso Superior de Letras: Inventário." Dissertação de mestrado em Ciências da Documentação e Informação (Arquivística), Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

Vasconcelos, José Leite de. 1904. "Necrologia." *O Archeologo Português* 9: 128-142.

Vasconcelos, José Leite de. 1905a. *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. II.

Vasconcelos, José Leite de. 1905b. "Miscellanea." *O Archeologo Português* 10: 396-405.

Voskuhl, Adelheid. 1997. "Recreating Herschel's Actionometry: An Essay in the Historiography of Experimental Practice." *The British Journal for the History of Science* 30 (3): 337-335.

NOTAS

1. A bibliografia sobre o objeto é indicada mais à frente na secção «O percurso de uma pátera romana do MNA».
2. A informação sobre esta pátera romana está disponível na base de dados nacional MatrizNet: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet> (consultado em fevereiro 19, 2019).
3. Em julho de 2018, a pátera foi transferida para a exposição *Tesouros da Arqueologia Portuguesa*, no mesmo museu.
4. Informação sobre o projeto disponível em: http://cil.bbaw.de/cil_en/dateien/forschung.html (consultado em junho 19, 2018).

RESUMOS

A partir da década de 1980 a história da ciência passou a valorizar os objetos científicos como fontes primárias de investigação, demonstrando as inovadoras perspectivas que estes poderiam abrir sobre as relações locais e globais de produção de conhecimento. Os objetos científicos refletem tecnologias e contextos, espelham diferentes aspetos económicos, culturais, sociais e intelectuais das sociedades, mas são também o ponto de partida para conceder visibilidade a dinâmicas sociais e científicas de personalidades que criaram coleções, que fundaram e desenvolveram museus, que produziram conhecimentos sobre o passado e estabeleceram redes de comunicação, de trocas e de difusão pelo mundo ocidental. Neste artigo reconstituímos a biografia de um objeto do Museu Nacional de Arqueologia (MNA) – uma pátera romana (séc. I d.C. - II d.C.) que se encontra nas coleções do museu desde 1905 – para evidenciar as potencialidades desta metodologia aplicada à história das instituições museológicas, neste caso aos museus de arqueologia.

From the 1980s, researchers in the history of science field have approached scientific objects as primary research sources, revealing an innovative perspective about the local and global relations in knowledge production. Scientific objects reflect the technologies and contexts involved in knowledge production, and the range of economic, cultural, social and intellectual factors at work in societies. The study of scientific objects can also reveal the social and scientific dynamics that enabled individuals to collect objects and create museum collections, and their role in founding and developing museums; furthermore, it provides a deeper understanding about the role of the individuals that produced knowledge about the past, that established networks for communication, exchange and knowledge dissemination throughout the western world. This article outlines a single object biography, a roman archaeological artefact – a silver and gold *patera* (2nd – 1st century AD) – that is part of the *Museu Nacional de Arqueologia* (MNA) collections since 1905. This approach highlights the potentialities of this methodology applied to the history of museological institutions, in this case archaeology museums.

ÍNDICE

Palavras-chave: história da ciência, colecionismo, biografia de objeto, museologia, arqueologia

Keywords: history of science, collecting, object biography, museology, archaeology

AUTORES

ELISABETE J. SANTOS PEREIRA

É investigadora de pós-doutoramento do Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Grupo Ciência da Universidade de Évora (IHC-FCSH-UNL-POLO de Évora) É doutorada em História e Filosofia da Ciência com especialidade em Museologia pela Universidade de Évora (2017). Concluiu na mesma universidade

o mestrado em Estudos Históricos Europeus (2010) e a licenciatura em História variante Património Cultural (2002). Entre 2016 e 2018 integrou o projeto *Museum Networks: People, Itineraries and Collections (1770-1920)* da Fundação Alexander von Humboldt (Berlim) e em janeiro de 2019 foi distinguida pelo projeto europeu *Sharing European Histories* (EUROCLIO e Evens Foundation).

Instituto de História Contemporânea – Ciência, Estudos de História, Filosofia e Cultura Científica, Polo de Évora, Palácio do Vimioso (Gabinete 215), Largo Marquês de Marialva, 8 – 7000-809 Évora, Portugal, elisabetejspereira@gmail.com

MARIA DE FÁTIMA NUNES

É professora catedrática de História da Universidade de Évora. Investigadora integrada do Instituto de História Contemporânea (IHC) na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova (NOVA FCSH). Coordenadora científica, desde 2015, do grupo de investigação “Ciência, Estudos de História e Filosofia e Cultura Científica” (CEHFCi – Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência, Universidade de Évora). Tem assegurado a direção científica do programa de doutoramento em História e Filosofia da Ciência/Museologia da Universidade de Évora, e a rede História & Ciência – HETSCI (Grupo de Estudos em História e Ciência) na NOVA FCSH.

Instituto de História Contemporânea – Ciência, Estudos de História, Filosofia e Cultura Científica, Polo de Évora, Palácio do Vimioso, Largo Marquês de Marialva, 8 – 7000-809 Évora, Portugal, mfn@uevora.pt